

Festa junina e imprensa na Belém de meados do século XX¹

Elielton B. Castro Gomes²

Universidade Federal do Pará

RESUMO

O presente texto, resultado de pesquisas em jornais que circulavam na capital paraense em meados do século XX (A Província do Pará e Folha do Norte), em especial na década de 1950, pretende analisar, por meio das notícias e convites, presentes em suas páginas, as festas de São João em Belém do Pará. Buscaremos compreender qual a relação destas festas com as transformações socioculturais vividas pela população local. Ao apresentar parte do cenário das formas de festejar à época, procuramos compreender o alcance e a forma assumida pelos cronistas e redatores da imprensa paraense no julgamento das práticas culturais populares realizadas em Belém do Pará.

PALAVRAS – CHAVES: Festa Junina, Imprensa, Século XX.

INTRODUÇÃO

A década de 1950 marcou um período de redimensionamento na imprensa, isto porque aquele período contava com a consolidação do rádio nos lares brasileiros e com a introdução da televisão como novo meio de comunicação, fatores estes que, de maneira relevante, surtiram efeitos particulares na forma como a imprensa se estruturava³.

Os periódicos que circulavam na cidade, nesse período, já não tinham a mesma função de outrora, diferente daqueles da virada do século XIX e início do século XX, estes não buscavam somente abordar temas políticos, literários e noticiosos, que ocupavam, na maioria dos casos, números de páginas menores do que estamos acostumados ver. Em meados do século XX, a imprensa paraense parece que buscou alternativa para sobreviver diante dos novos aparelhos de comunicação que surgiam no âmbito social brasileiro, as quais pairam, em quase todos os casos, nas propagandas dos mais variados produtos nacionais e estrangeiros,

¹ Trabalho apresentado no Grupo Temático *Historiografia da Mídia*, que integra o 2º Encontro Regional Norte de História da Mídia e 2º Seminário de História, Cultura e Meios de Comunicação na Amazônia, realizados na Universidade Federal do Pará, nos dias 12 e 13 de novembro de 2012.

² Estudante de Graduação do 7º semestre do Curso de História da UFPA. E-mail: elieltonbcgomes@bol.com.br

³ Sobre a questão ver: CALABRE, Lia. *A Era do Rádio*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004 e MARTINS, Ana L.; LUCA, Tania R., (org.) *História da Imprensa no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2008, p. 179-284.

tendo a nova mídia – rádio e televisão – ganhado espaços significativos nas páginas dos jornais e revistas que circulavam na cidade.

Além da intensificação das propagandas nas folhas de jornais e revistas da cidade de Belém, nos anos de 1950, outros elementos estavam presentes como, por exemplo, as divulgações de eventos culturais e festivos que ocorreriam na capital⁴, o que “assinala a importância atribuída pela opinião pública aos lazeres públicos e de massa”⁵.

Alguns jornais daquela época anunciavam, em suas páginas, os diversos festejos populares realizados em Belém, principalmente aqueles que giravam em torno do carnaval, festejos juninos e do Círio de Nazaré, descrevendo ao leitor um pouco do cotidiano festivo da cidade. No entanto, “muitos são os cuidados a serem adotados por historiadores que lidam com fontes jornalísticas. Elas podem reportar uma versão dominante dos fatos do cotidiano”⁶, ou seja, podem ser entremeados por discursos políticos e por influências socioculturais.

Sendo assim, o presente texto busca investigar os festejos juninos realizados na cidade de Belém, através dos periódicos que circulavam na cidade, principalmente os jornais *A Província do Pará* e *Folha do Norte*, todos da década de 1950, tendo em vista que “esses meios trazem à tona os eventos [e] igualmente os significados que estes tiveram na vida da população”⁷ local, levando em consideração que as matérias veiculadas pela imprensa. No entanto, não são aqui apropriadas como fotografia do passado, mas como instrumentos que nos auxiliam na interpretação desse. Desse modo, vale lembrar que a imprensa é entendida aqui como meio de divulgação de pontos de vista de literatos e jornalistas e que, portanto, refletem interesses particulares.

UMA BREVE HISTÓRIA DOS PERIÓDICOS *A PROVÍNCIA DO PARÁ* E *FOLHA DO NORTE*

Diante do processo de modernização por que o país passava e também aliado aos elementos modernos e aos novos meios de comunicação que ganhavam amplo espaço no meio

⁴ Deixo claro que essas publicações relacionadas a eventos culturais realizados na cidade faziam parte, desde pelo menos o início do século XX, das páginas dos periódicos do estado, no entanto, a partir do final da primeira metade desse século essas propagandas se intensificarão, ganhando um espaço maior dentro da imprensa local.

⁵ COSTA, Antonio Maurício D.; Gomes, Elielton B. Castro. *A “quadra joanina” na imprensa, nos clubes e nos terreiros da Belém dos anos de 1950: “Tradição interiorana” e espaço urbano*. Cad. Pesq. Cdhis, Uberlândia, v.24, n.1, jan./jun. 2011, p. 197.

⁶ *Ibidem*.

⁷ LACERDA, Franciane Gama. *Imprensa e Poesia de Cordel no Pará nas primeiras décadas do século XX*. ANPUH/SP-USP. São Paulo, set. de 2008. Cd-Rom, p. 11.

urbano brasileiro, a imprensa continuou tendo um papel fundamental na construção e retenção de parte da história brasileira.

Heloisa Cruz nos diz que:

A imprensa periódica vira moda e transforma-se no principal produto da cultura impressa, e o periodismo emerge como um importante espaço de renovação da cultura letrada. Mais ainda, no ambiente da metrópole em formação, a imprensa periódica apresenta-se como foco fundamental de formulação, discussão e articulação de concepções, processos e práticas culturais e de difusão de seus projetos e produtos. (CRUZ, 1996, p. 83.)

No Pará, dois grandes jornais que circulavam, principalmente, na cidade de Belém, *A Província do Pará* e *Folha do Norte*, tiveram grande importância na construção das relações sociais no meio urbano belenense e foram também responsáveis por noticiar momentos que trouxeram valores significativos para a construção da história paraense.

O jornal *A Província do Pará*, fundado em março de 1876, é considerado, por alguns estudiosos da imprensa local, como o periódico de maior duração dentre os demais que circularam na cidade, tendo encerrado suas atividades no início do século XXI, mais precisamente no ano de 2001. Dentre os principais representantes desse jornal, está a figura de Antônio Lemos, Intendente Municipal de Belém entre os anos de 1897 e 1911⁸.

O *Folha do Norte*, periódico de oposição ao de Antonio Lemos, tendo como principal representante Cipriano José dos Santos, inaugurado em 1896, buscava, nesse momento, defender a figura de Lauro Sodré, representante do Partido Republicano Federal no Pará. De acordo com o catálogo *Jornais Paraoara*, ideia defendida por Franciane Lacerda, o *Folha do Norte* inicia suas publicações no ano de 1896, encerrando-as no ano de 1974, apresentando de início uma função de jornal “noticioso, político e literário”⁹, tendo ao decorrer dos anos sofrido mudanças significativas.

Esses periódicos, na segunda metade do século XX, passaram por um processo de redimensionamento diante de sua função de jornais no âmbito local. Novos elementos foram incorporados ao corpo noticiário trazidos no dia a dia ao povo paraense como, por exemplo, anúncios de vendas de rádios portáteis nacionais e estrangeiros, programação dos eventos realizados por emissoras de rádios, propagandas de vendas de discos, colunas diárias religiosas, notícias de outras partes do Brasil e do mundo, além, claro, da intensificação dos

⁸ Sobre Antônio Lemos ver: SARGES, Maria de Nazaré. *Memória do Velho Intendente*. Belém: Paka – Tatu, 2002; Belém: riquezas produzindo a Belle Époque (1870-1912). Belém: Paka-Tatu, 2000.

⁹ LACERDA, Franciane Gama. *Migrantes Cearenses no Pará: faces da sobrevivência (1889/1916)*. Belém: Editora Açai. 2010, p. 23.

anúncios de bailes dançantes realizados nos clubes recreativos situados na capital paraense. Como nos é apresentado no anúncio abaixo.



A Província do Pará, 03 de junho de 1956.

AS FESTAS JUNINAS NOS PERIÓDICOS A PROVÍNCIA DO PARÁ E FOLHA DO NORTE DA DÉCADA DE 1950.

(...) muitas fogueiras encheram de fumaça os olhos brejeiros das cabrochas do subúrbio. Os foguetinhos estouraram na perna de muito gaiato. Os copos de aluá, as cuias de mingáu, os pratos de cangica e pamonha circularam de mão em mão, até o cantar do galo da meia noite. E nos parques de diversões os bumbás enjambrados, de chifres pontudos, de fitas, de rabos de corda, pularam a valer, comandados com energias e disciplina por seus vaqueiros de chapéu com espelinhos e lantejoulas.¹⁰

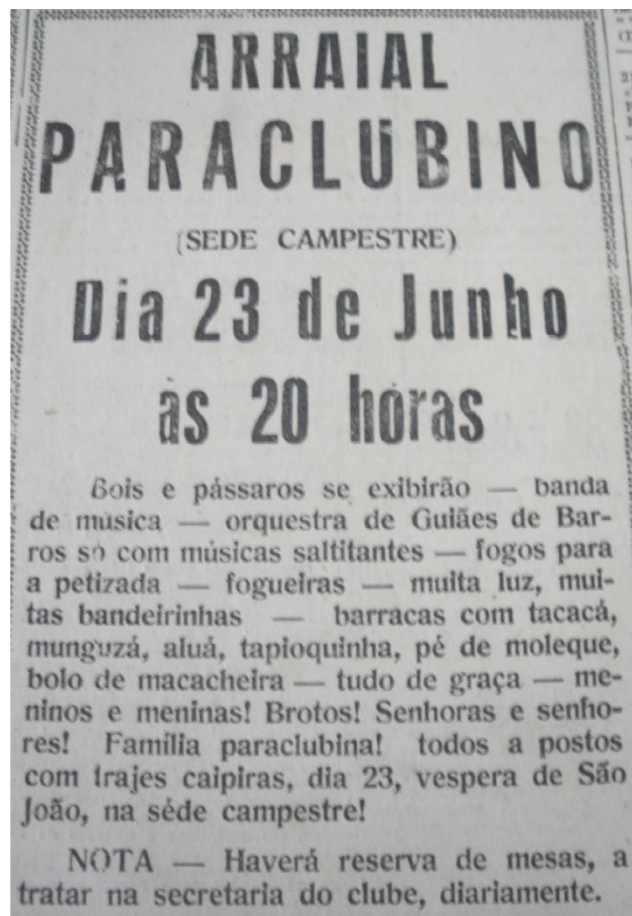
Nos anos de 1950, os festejos juninos começam a tomar as páginas dos periódicos que circulavam na capital a partir de maio¹¹, mais ou menos os dez dias que antecipa o mês dos sortilégios, dos banhos de cheiro cheirosos, das fogueiras e dos balões coloridos que embelezavam o céu da cidade, ou seja, o mês de junho.

Dentre os diversos bailes populares organizados na cidade de Belém na segunda metade do século XX, os festejos juninos, em conjunto com o carnaval e a festa do Círio de

¹⁰ Trecho retirado da matéria intitulada *Quadra Festiva* presente no jornal A Província do Pará de 11 de junho de 1954, p. 17.

¹¹ Nessas páginas, encontramos anúncios de casas de fogos de artifícios, lojas de tecidos, bebidas e artefatos presentes na quadra junina. É no mês de maio que começavam as divulgações e preparações para a festa que envolviam todos a comemorar o ciclo festivo junino.

Nazaré, ganhavam destaque nas páginas dos jornais e revistas que circulavam na cidade de Belém, pois eram os momentos em que a alegria popular invadia os clubes dançantes, ruas, praças e escolas locais, tendo como animação os grupos de jazzes orquestras, de pássaros e bichos juninos, de pau e corda e as pick-up's sonoras tocando os mais variados ritmos musicais¹², com o propósito de alcançar ao máximo a satisfação dos brincantes. Exemplo disso é um convite de festa junina, que seria realizada na sede campestre do Pará Clube, no jornal A Província do Pará de 19 de junho de 1956.

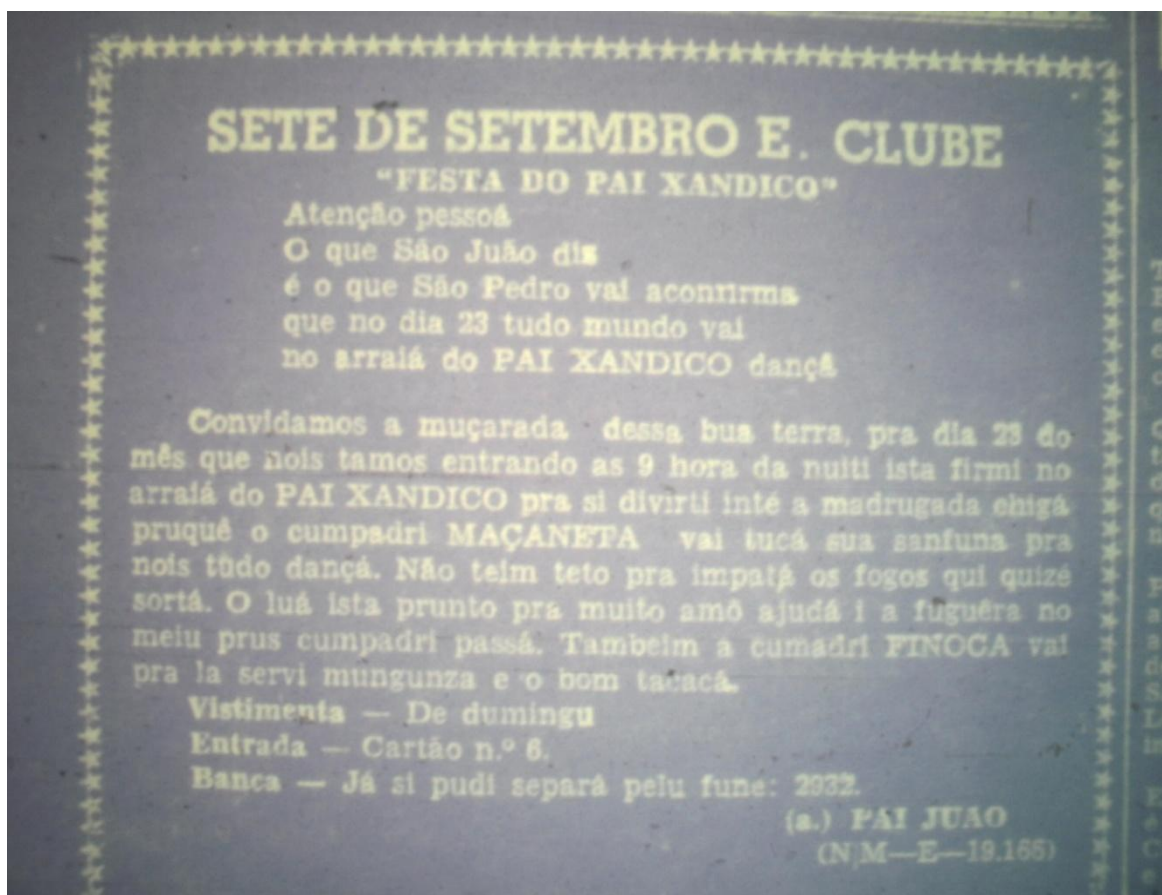


Diante da leitura dos jornais aqui trabalhados, percebe-se que os realizadores dos festejos juninos, na década de 1950, não buscavam uma comemoração do sacro, ou seja, não

¹² Os ritmos musicais nordestinos, como maxixes e baiões, fizeram parte da reinvenção do “perfil tradicional” das festas juninas dos anos 1950. Tocava-se nas festas outros ritmos de procedência diversa como rancheiras, quadrilhas, mazurcas e *schottiches* (o abasileirado “xote”), boleros, além dos ritmos caribenhos (cumbias, salsas, mambos, merengues, etc.), muito presentes nas festas juninas da cidade. Em meados do século XX, a recepção local de emissoras de rádio de Cuba, das Guianas e da Nicarágua se somava à divulgação deste repertório musical nos programas de rádios paraenses. Isso explica sua presença nas festas dos clubes suburbanos e aristocráticos.

almejavam uma celebração em que envolvesse, de fato, uma comemoração religiosa, mas sim, usar os dias dos santos católicos (Santo Antônio, São João, São Pedro e São Marçal) como pontos estratégicos para realização de suas festas, buscando atrair um número significativo de brincantes para os espaços dançantes.

Em seus discursos, os redatores e intelectuais que escreviam nas páginas da imprensa paraense nos mostram que, na década de 50, o ciclo juninos em Belém “possibilitavam aos brincantes uma construção simbólica da festa do interior, não somente na organização dos ambientes de sociabilidade, mas nas características do homem interiorano, ou seja, nos seus trajes, costumes e fala”¹³. Além disso, os anúncios das festas juninas nas folhas de jornais em Belém também em muito idealizavam o rural como pano de fundo, principalmente nos títulos dados aos convites e no linguajar utilizado no mesmo, como nos é apresentado em anúncio encontrado no jornal *Folha do Norte* de 18 de junho de 1950.



¹³ GOMES, Elielton B. Castro. “Êta festança boa”: representações jornalísticas dos festejos juninos em Belém nos anos de 1950. Revista eletrônica história e-história. Jun. 2012. Disponível em: <<http://www.historiaehistoria.com.br/materia.cfm?tb=alunos&id=441>> Acesso em: 27 out. 2012.

De acordo com Luciana Chianca, o estereótipo do homem do campo, ou seja, “seus traços, suas roupas e seus trejeitos” eram muito comuns nas representações das festas juninas realizadas na cidade, pois esses assumiam lugares significativos na festa de São João realizada no meio urbano. Essa autora nos diz ainda que a utilização desses elementos presentes no comportamento dos “matutos” se dá pelo fato de se estar seguindo “uma tradição que vem desde o Jeca Tatu de Monteiro Lobato, esboçada no livro *Urupês* (1918) e consolidada na propaganda do Biotônico Fontoura”¹⁴.

Outro argumento importante gira em torno da ênfase dada ao “popularesco e ao hilariante”, por exemplo, a utilização de termos como “seu Juquinha” ou “Xandoca”, comuns dentre os interioranos da região amazônica e, “Noutros casos, os nomes buscavam associação com pretendidas origens nordestinas e sertanejas, como “Nhô Nicácio”, “Nhá Fausta”.¹⁵”.

Sobre isso, Franciane Lacerda nos diz que desde o início do século XX:

De fato, as festas juninas se popularizaram no interior da Amazônia também em função da forte presença de migrantes nordestinos que instalados nesses espaços não deixaram de vivenciar as tradições culturais do seu lugar de origem. Assim, ao longo da antiga Estrada de Ferro de Bragança essas festas sempre marcaram o cotidiano dos moradores, em sua grande parte migrantes. (LACERDA, 2008, p. 8).

O processo de migração, que na década de 1950 se intensifica, de pessoas advindas dos interiores do estado do Pará para, principalmente, o subúrbio belenense e o procedimento de urbanização dessas áreas periféricas, nesse período, são muito presentes nas crônicas e reportagens divulgadas nos periódicos paraenses. Trata-se de uma mobilização demográfica que pode também ser confirmada pela verificação da composição populacional atual de bairros como Jurunas, Guamá, Cremação, São Braz, Canudos, Pedreira, Marco, Telégrafo, Sacramento, Marambaia, dentre outros.

Segundo Maurício Costa e Elielton Gomes, essa população interiorana que “passou a habitar as áreas de baixada de Belém era formada por um contingente, na maior parte, proveniente de ondas migratórias vindas do interior do estado nos anos 1950, 1960 e 1970”¹⁶.

Os principais cronistas eram intelectuais, muitos deles paraenses, os quais em sua narrativa atribuem um sentimento nostálgico àquilo que por eles foi vivido momentos passados, acusando a urbanização e elementos da modernização como extintores daquilo que,

¹⁴ CHIANCA, Luciana. *Chama que não se apaga*. Revista de História da Biblioteca Nacional, ano 4, n. 45, p. 18-23, 2009, p. 23.

¹⁵ COSTA, GOMES, 2011, p. 198.

¹⁶ *Ibidem*, p. 207

para eles, era tido como “tradicional”. No entanto, Néstor Canclini, em seu livro *Culturas Híbridas: estratégias para entrar e sair da modernidade*¹⁷, nos apresenta a ideia de que a tendência à modernização não provoca o desaparecimento das culturas tradicionais, mas nos proporciona saber de que forma o dito tradicional se transforma e como esse interage com as forças da modernidade.

Esse processo de transformação da cultura é visto por José dos Santos como algo criativo. Para esse autor, a cultura sobrevive de acordo com as transformações que acontecem ao decorrer dos tempos, pois esta tem por sua própria condição um aspecto dinâmico, estando preparada para se adaptar às mudanças sociais que ocorrerem. Ele nos diz ainda que “nada do que é cultural pode ser estanque, porque a cultura faz parte de uma realidade onde a mudança é um aspecto fundamental”¹⁸.

CONCLUSÃO

Percebe-se que a imprensa paraense, na década de 1950, diante do processo de redimensionamento de sua função no âmbito social local, influenciado pela inserção de novos instrumentos de comunicação nos lares brasileiros, em especial o rádio, passou de um instrumento principalmente noticioso, função essa que entra em declínio a partir do início do século XX, com o processo de urbanização do centro da cidade, para um periódico que passa dar espaços às propagandas e à intensificação dos anúncios de festas, principalmente nos anos de 1950 e nas décadas seguintes.

Nesse universo, a difusão e popularização da cultura letrada, via desenvolvimento da linguagem comercial da propaganda e a formação de uma imprensa comercial, emergem como questões fundamentais para a compreensão das novas redes de comunicação social na metrópole. (CRUZ, 1996, p. 84).

As festas juninas e a imprensa paraense são de fundamental importância para a construção da história de Belém, pois essas “mantém vínculos importantes com o tempo em

¹⁷ CANCLINI, Néstor Garcia. *Culturas Híbridas: estratégias para entrar e sair da modernidade*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2008.

¹⁸ SANTOS, José Luiz dos. *O que é cultura*. 6. ed. São Paulo: Brasiliense, 1987. p. 69.

nossa sociedade”¹⁹, pois é também a partir delas que podemos perceber quais foram os fatores que contribuíram para as relações e transformações de uma determinada sociedade.

Além disso, percebe-se que a imprensa paraense, ao divulgar as festas juninas realizadas na cidade de Belém, nos mostra que tais celebrações passaram a ser reinventadas sempre em função das expectativas dos brincantes, as quais se pautavam na necessidade de se viver dentro do modelo “tradicional”, ou seja, uma festa mais ruralizada, ou em um modelo “moderno”, no qual o que predominava eram os elementos da urbanização. Vale ressaltar que, em relação a isso, Canclini nos apresenta a ideia de que a tendência à modernização não provoca a dissipação das culturas tradicionais, mas nos leva a considerar de que forma o dito tradicional se transforma e como esse interage com as forças da modernidade.

REFERÊNCIAS

CALABRE, Lia. **A Era do Rádio**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004.

CANCLINI, Néstor Garcia. **Culturas Híbridas**: estratégias para entrar e sair da modernidade. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2008.

CHIANCA, Luciana. **Chama que não se apaga**. Revista de História da Biblioteca Nacional, ano 4, n. 45, p. 18-23, 2009.

COSTA, Antonio Maurício Dias da; MACEDO, Cátia Oliveira. **“Festa de antigamente é que era festa”**: memória, espaço e cultura numa comunidade camponesa do nordeste paraense. Revista Estudos Amazônicos, v. 5, n. 2, p. 105-124, 2010.

COSTA, Antonio Maurício D.; Gomes, Elielton B. Castro. **A “quadra joanina” na imprensa, nos clubes e nos terreiros da Belém dos anos de 1950**: “Tradição interiorana” e espaço urbano. Cad. Pesq. Cdhis, Uberlândia, v.24, n.1, jan./jun. 2011.

GOMES, Elielton B. Castro. **“Êta festança boa”**: representações jornalísticas dos festejos juninos em Belém nos anos de 1950. Revista eletrônica história e-história. Jun. 2012. Disponível em: < <http://www.historiaehistoria.com.br/materia.cfm?tb=alunos&id=441>> Acesso em: 27 out. 2012.

CRUZ, Heloisa. **A Cidade do Reclame**: propaganda e periodismo em São Paulo – 1890 a 1915. Revista Projeto História, São Paulo, (13), jun. 1996.

LACERDA, Franciane Gama. **Migrantes Cearenses no Pará**: faces da sobrevivência (1889/1916). Belém: Editora Açaí. 2010.

¹⁹ COSTA, Antonio Maurício Dias da; MACEDO, Cátia Oliveira. *“Festa de antigamente é que era festa”*: memória, espaço e cultura numa comunidade camponesa do nordeste paraense. Revista Estudos Amazônicos, v. 5, n. 2, p. 105-124, 2010.p. 106.

_____. **Imprensa e Poesia de Cordel no Pará nas primeiras décadas do século XX.** ANPUH/SP-USP. São Paulo, set. de 2008. Cd-Rom.

MARTINS, Ana L.; LUCA, Tania R., (org.) **História da Imprensa no Brasil.** São Paulo: Contexto, 2008.

SANTOS, José Luiz dos. **O que é cultura.** 6. ed. São Paulo: Brasiliense, 1987.

SARGES, Maria de Nazaré. **Memória do Velho Intendente.** Belém: Paka – Tatu, 2002.

_____. **Belém: riquezas produzindo a Belle Époque (1870-1912).** Belém: Paka-Tatu, 2000.